

TEATRO DE S. JOÃO

PORTO

Segunda-feira, 17 e Terça-feira, 18 de Março de 1930

ÀS 21 HORAS E MEIA

DOIS GRANDES ESPETACULOS

DE

OPERAS

DO

MAESTRO

RUY COELHO

A 17: SERÃO DA SAUDADE E AMOR

Conferencia pelo Dr. Magnus Bergström

LIEDER

OPERA

CRISFAL

A 18: OPERAS

CAVALEIRO DAS MÃOS IRRESISTIVEIS

FREIRA DE BEJA (SOROR MARIANA)

Direcção do Compositor

ARGUMENTO DAS 3 OPERAS: 3 ESCUDOS



MAESTRO RUY COELHO

Obras de RUY COELHO

SINFONIA CAMONEANA N.º 1 *Bernhardt Siegel*, Berlim. (Orquestra, coros e fanfarras).

BOUQUET, suite para piano, *Raab & Plotov*, 1913, Berlim. — *Casa Oliveira*, Rocio, 57. 2.ª edição 1928.

A PRINCESA DOS SAPATOS DE FERRO — Bailado (para orquestra).

CANÇÕES DE SAUDADE E AMOR. (Poesia de *Afonso Lopes Vieira*, *Valentim de Carvalho*, 1918, Lisboa,

CRISFAL—Egloga em 1 acto. Libreto de *Afonso Lopes Vieira*.

SINFONIA CAMONEANA, N.º 2.

NOVOS LIEDER. Texto de diversos poetas portugueses. Edição do autor. *Casa Oliveira*, Rocio 57.

AUTO DO BERÇO. Opera 1 acto. Libreto de *Antonio Correia de Oliveira*.

ROSAS DE TODO O ANO. Opera em 1 acto sobre a mesma peça de *Julio Dantas*.

BAILADO DO ENCANTAMENTO. 2 actos.

DUAS SONATAS, para violino e piano.

UM TRIO, para piano, violino e violoncelo.

BELKISS. Opera em 3 actos sobre o mesmo poema de *Eugenio de Castro*. (1.º Premio do Concurso de Espanha, em 1924).

ALCACER. Poema (orquestra).

NUN'ALVARES. Poema Heroico.

SUITE PORTUGUEZA, suite para piano, *Sassetti*. Lisboa.

RAINHA SANTA, (Legenda mística, para piano), edição do autor.

INÊS DE CASTRO. Opera em 3 actos.

SOROR MARIANA. Opera em 1 acto.

SUITE PORTUGUEZA. N.º 2. Edição do autor. *Casa Oliveira*, Rocio, 57.

6 KACIDES MAURESQUES. Edição do autor. *Casa Oliveira*, Rocio, 57.

PETITE SINFONIE.

SUITE PORTUGUEZA. N.º 3.

CAVALEIRO DAS MÃOS IRRESISTÍVEIS. Opera em 1 acto.

SONATINA (para piano).

ENTRE-GIESTAS. Opera em 3 actos.

Literatura musical:

CARTA A UM COMPOSITOR CELEBRE.

RESPOSTA A UM ZERO.

A NOSSA REPRESENTAÇÃO MUSICAL NA «SEMANA PORTUGUEZA» EM SEVILHA.

A SINDICANCIA AO CONSERVATORIO

ALGUNS ESCLARECIMENTOS (DE COLABORAÇÃO)

DIA 17 — 1.º ESPECTACULO

SERÃO DA SAUDADE E AMOR

PROGRAMA

I Serão da Saudade e Amor

Conferencia pelo sr. dr. MAGNUS BERGSTRÖM

- | | | | | | | |
|----|-----|-----------------|---|---------------------|---|------------|
| II | I | Graça | { | AFONSO LOPES VIEIRA | { | RUY COELHO |
| | II | O Beijo | | | | |
| | III | Melodia de Amor | | | | |

M.^{me} IZABEL PÊGO BERGSTRÖM

Ao piano: o compositor

- | | | | | |
|-----|------|--|---|------------|
| III | IV | Ai, eu, coitada — D. SANCHO I | { | RUY COELHO |
| | V | Ai, flôres do verde rino — D. DINIZ | | |
| | VI | A primeira cousa que vi — BERNARDIM RIBEIRO | | |
| | VII | Descalça vai para a fonte — RODRIGUES LOBO | | |
| | VIII | O Filtro | | |
| | IX | Menina e Moça | | |
| | X | Manhã de nevoa | | |
| | XI | Santa Iria | | |
| | XII | Graça | | |
| | XIII | Outono | | |
| | XIV | Amor Meu | | |
| | | Das Canções de Saudade e amor. Os poemas de Afonso Lopes Vieira. | | |

IV Das «Kacides Mauresques»

RUY COELHO

(a) Alerte (Inconu)

(b) Sur la route de Grenade (Moktar Ben Taïb)

D. ARMINDA NUNES CORREIA

Ao piano: o compositor

1.º ESPECTACULO

CRISFAL

Egloga Musical em 1 acto e trez quadros

POEMA DE AFONSO LOPES VIEIRA

MUSICA DE RUY COELHO

MARIA - D. Izabel Pêgo Bergström

CRISFAL - Edgard Duarte de Almeida

CORO DAS MONJAS DE LORVÃO

D. Maria Lucia de Oliveira

D. Esmeralda Alves

D. Erminia Lino de Souza

D. Manuela Porto

D. Raquel de Almeida Ribeiro

D. Maria Natercia Pina

MAESTRO DIRECTOR DE ORQUESTRA: O Compositor

DIRECTOR DE SCENA: MAESTRO Antonio Prati

Principios do século XVI, em Portugal

Esta obra foi cantada no Teatro de S. Carlos,
de Lisboa, em Fevereiro de 1920, em italiano,
sendo criados os papeis principaes pelos illustres
artistas, Sr.^a OFÉLIA TURCHETTI e Sr. SAROBE

Primeiro quadro: Um largo valle, ao pôr do sol.

Segundo quadro: Recanto do Mosteiro do Lorvão

Terceiro quadro: a mesma scena do primeiro

DIA 18 — 2.º ESPECTACULO

O CAVALEIRO DAS MÃOS IRRESISTIVEIS

Opera em 1 acto

(sobre o conto de *Eugenio de Castro*)

Libreto e Musica

de

RUY COELHO

Beatriz D. Arminda Correia

Dona Mór. D. Lilia Brandão

Dom Sancho D. Fernanda Corte Real

Dom Guterre Edgard Duarte de Almeida

Perto de Santa Clara, em Coimbra

Mise-en-scene de Antonio de Mello

Direcção de Orquestra, do compositor

Guarda-roupa: *Castelo Branco*—Cabeleiras: *Victor Manuel*

FREIRA DE BEJA

Opera em 1 acto

(sobre a peça de *Ruy Chianca*)

Libreto e Musica

de

RUY COELHO

Sorôr Mariana D. Arminda Nunes Correia

Sorôr Leonôr de Vilhena . . . D. Lilia Brandão

Marquez de Chamilly. . . . Antonio Pratti

Baltazar Alcoforado Edgard Duarte de Almeida

Convento de Nossa Senhora da Conceição, Beja, 1667

Direcção de Orquestra: o compositor

Guarda-roupa: *Castelo Branco*—Cabeleiras: *Victor Manuel*

ARGUMENTO

CRISFAL

Opera em 1 acto e 3 quadros, poema de AFONSO LOPES VIEIRA
e música

de

RUY COELHO

Princípios do século XVI, em Portugal

QUADRO 1.º

Paísagem coimbrã, tocada de doce poesia. — Crisfal, sempre saído, lamenta as suas máguas, e à sua dor respondem o éco, às vozes da água, do vale, do vento e dos ribeiros. Enquanto as sombras caem lentamente, Crisfal adormece.

QUADRO 2.º

Cerca do mosteiro de Lervão. Cantam as monjas e o órgão geme.
— Maria Brandão conta às noviças, que a rodeiam, o milagre de Nossa Senhora. Depois, encontrando-se só, vê aparecer Crisfal, que lhe confessa a grandeza do amor que lhe consagra. Chorando, ela abraça o pobre vate sonhador, e este abraço é abençoado por toda a eternidade pelo versículo «per omnia saecula saecularum», entoado na igreja.

QUADRO 3.º

A mesma paisagem do quadro 1.º Anoitece. A voz da natureza pergunta a Crisfal por que chora. Este, despertando de um sonho louco, afasta-se murmurando: «Sempre será meu amor como a sombra!..»

ARGUMENTO

O CAVALEIRO DAS MÃOS IRRESISTÍVEIS

Ha já muito tempo que o compositor Ruy Coelho pensava em escrever sobre o belo conto de Eugénio de Castro, um acto musical, tendo ido ha mais de sete anos a Coimbra, conversar com o poeta, sobre o seu desejo. Desde então, lentamente, essa partitura foi tendo realisação, tendo sido terminada este verão.

O «Cavaleiro das Mãos Irresistíveis» como o «Crisfal», «Rosas de todo o ano» e «Freira de Beja», é, quanto á sua orchestra, e ao seu conjunto vocal e scenico, uma opera de camara, para 6 primeiros violinos, 4 segundos, 2 violas, 2 celos, 2 baixos, 2 flautas, 2 clarinetes, 2 trompas, 2 trompetas, 1 harpa, timbales, 2 sopranos, 1 tenor e 1 baritono.

A acção passa-se em frente de Coimbra, perto do Mosteiro de Santa Clara. D. Sancho, jovem castelhano, orfão de pai, que na infancia com sua austeridade se recolheu a um palacio em Tourdesillas, até que aos rogos de seu primo D. Pedro Mendanha, combateu a favor do rei luitano, em Tóro, finda a batalha achou exilio em Barcelos, nas margens do Cávado. Vendo-se pobre, ele que antes tão rico era, foi a Santarem pedir uma tença a D. Affonso V.

Passando em Coimbra, ao atravessar a ponte, chapou-se-lhe o cavallo, e cahiu, ficando exanime, no chão, com as mãos escalavradas. Perto dali ficava a casa de D. Guterre Lopes, que apiedado por tal desgraça recolheu o ferido.

Entretanto, enquanto na convalescença, D. Sancho se sentia cada vez mais «ferido» de amor, por Beatriz, filha de D. Guterre, o cruzio D. Bento da Santissima Trindade, avisou D. Guterre de que «esse moço, por seu pai descende do voluptuoso conde Dom Garcia Fernandez, alto principe cujas mãos diabolicas possuiam o funesto poder, de endoidecer as mulheres todas...» «é necessario pôl-o a andar quanto antes dessa casa».

D. Mór, mãe de Beatriz, e Beatriz, que souberam do aviso do cruzio, com grande espanto de D. Guterre, apresentaram-se, nessa noite, á ceia, como se El-rei fosse cear ao palacio de D. Guterre. O velho fidalgo luitano, entretanto, mandou chamar D. Sancho e servir a ceia.

Quando D. Sancho se apresentou de tabardo preto, D. Guterre, perguntou-lhe «que significa esse tabardo preto, com tamanho calor?» D. Sancho respondeu: «Quiz fazer-vos uma surpresa; vêde como já estou são e escoreito», e mostrou sobre a meza as suas belas mãos sem ligaduras.

O fidalgo enfurecido, ordenou que lhe cortassem as mãos obscenas.

«Fôra vil corruptor» gritou D. Guterre.

Fica só na sala o velho fidalgo.

Momentos depois o cruzio manda um pergaminho a D. Guterre em que diz:

«Folheando aquele livro de linhagens, que me levára a imaginar Dom Sancho neto do antigo conde Dom Garcia, acabo de vêr que o vosso hospede illustre nada tem de comum com o mesmo conde».

D. Guterre, livido, exclama: «o que eu fiz a um inocente»... Beatriz, entra precipitadamente, e explica como salvou D. Sancho, salvando-lhe as mãos pelas quais ela dá as suas.

ARGUMENTO

FREIRA DE BEJA (SOROR MARIANA)

Escrevendo um acto sobre o assunto tão portuguez do amor da freira portugueza «Sorôr Mariana», o maestro pretendeu fixar um tema encantador que ainda não tinha sido posto em teatro lyrico.

Escolheu a forma mais intima de «opera de camara», porque essa certamente convem mais ao sentido estetico do libreto. As vozes, são tratadas livremente, quer dizer, não as submetendo previamente, a qualquer formula. Pode dizer-se que as figuras declamam musicalmente, segundo a sua situação, assim como, «cantam» em pura melodia. De resto, compositores mais modernos como Honogger assim procedem por vezes.

Tendo-se em vista que a «forma» musical, está intimamente ligada ao assunto, o compositor, que componha «sentindo» o assunto, nunca adoptará, previamente, «formulas», que por sua vez nasceram de certos e determinados assuntos.

O libreto da «Freira de Beja» tem quatro figuras de scena: Sorôr Mariana, Sorôr Leonôr, Marquez de Chamilly e Baltazar; e os seguintes instrumentos orchestrais: 6 primeiros violinos, 4 segundos, 2 violas, 2 cellos, 2 contra-baixos, 2 flautas, 2 clarinetes, 2 trompas, 2 trompetes, 1 harpa e timbales.

A acção passa-se no Convento de Nossa Senhora da Conceição, em Beja, em 1667.

De noite, n'uma sala das casas de Sorôr Mariana, Sorôr Mariana e Sorôr Leonor, momentos antes da chegada do Marquez de Chamilly, conversam, quasi resando, dizendo Leonor a Sorôr Mariana que não receba ali, na casa de Deus, Noel Bouton de Chamilly, porque se um dia alguém descobre, não é só a profanação de Deus como a deshonor do nome de Mariana... o escandalo. E... a inquisição de Evora... mora perto. Leonor aconselha Sorôr Mariana a que lhe fale ás grades.

Mariana numa intensa frase, apaixonada, como o seu grande amor, pergunta-lhe: «Como podemos nós ás grades dizer todo o nosso amor?»

E depois quem o verá entrar? A horas mortas... a rua da Conceição está sempre deserta...

Por fim aparece o Marquez de Chamilly, que depois de uma intensa scena de amor com Sorôr Mariana, lhe diz que tem de partir.

«Tu não vaes para França», diz-lhe Mariana.

Socega! Tu nunca pensaste que eu ficasse eternamente em Portugal, diz-lhe o Marquez de Chamilly.

Entretanto, escrever-nos-hemos.

Mariana quer partir com Noel. Se me tens algum amor leva-me contigo, diz-lhe a Freira de Beja. Mas Noel, não quer, e diz-lhe «Ouve Mariana! Eu não tenho o direito de te exigir que me sacrifiques a honra».

Mas eis que, quando Noel vae para sair, aparece o irmão de Mariana, Balthazar, que dirigindo-se ao Marquez de Chamilly, lhe grita: «E's um coarde, não saes d'aqui sem me ouvires primeiro».

Então Balthazar conta que ha dias, numa noite escura, ouviu a um official francez o nome de Mariana.

Arrancou-lhe a verdade, sabendo que Chamilly, entrava alta noite no Convento. Intima-o a que saia. Mariana quasi morta de dôr, soluçando, emquanto Noel sae, para sempre, numa queixa, encostada a Leonor, deixa ouvir a sua alma, num murmuro: «Nunca mais! Nunca mais...»

Rompe a manhã... Sorôr Mariana, erguendo o rosto numa expressão de angustia, olhos parados no vago, diz: «A alvorada!»...

E erguendo-se lentamente, num grito de paixão, num grave desespero, exclama: «Meu Deus!... Meu Deus! Fazei-me sofrer mais ainda».

1930

LUIZ MARQUES, L.^{DA}

— 77, RUA DO CRUCIFIXO, 79 —

LISBOA